

# Ecclesia

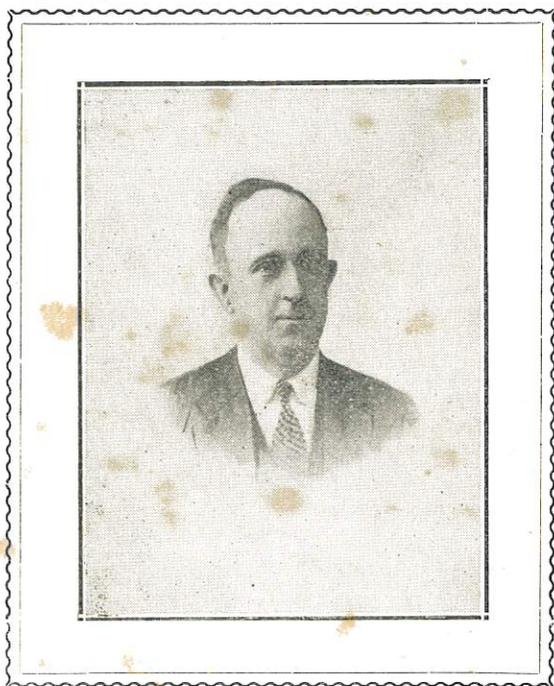


Julho de 1953

Ano 5.º

N.º 22

HOMENAGEM À MEMÓRIA DO  
REV.<sup>MO</sup> BISPO-ELEITO DA IGREJA ESPANHOLA REFORMADA  
FALECIDO EM 21 DE MAIO DE 1953



*D. Fernando Cabrera há 25 anos*



RETRATO EVOCATIVO  
DAS JORNADAS FRATERNAS LUSO-ESPANHOLAS  
DE 1928 E 1929  
POR OCASIÃO DO 2.º CONGRESSO EVANGÉLICO  
ESPANHOL E DO ANTERIOR CENTENÁRIO DE  
JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA

# Ecclesia

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA  
(Aparece em Janeiro, Março, Maio, Julho, Setembro e Novembro)

DIRECTOR:  
**EDUARDO H. MOREIRA**  
Rua das Janelas Verdes, 32 - LISBOA - Telef. 64792

ADMINISTRADOR:  
**DANIEL DE PINA CABRAL**  
Rua 14 de Outubro, 342 -- VILA NOVA DE GAIA -- Telef. 710995

## Uma Jornada na Coreia do Norte

\* \* \*

**D**IA de S. Jorge, aquela simpática figura de lenda, do cavaleiro frígido que matou um dragão e libertou uma donzela, símbolos do pecado sem freio e da alma sem força. Dia de S. Jorge, 23 de Abril.

Um telegrama informa que chegou a Londres o bispo anglicano Revmo. Alfredo Cooper, um dos sobreviventes da "caminhada da morte", nessa terra longínqua onde os homens se matam sem haver guerra e onde conversam sem haver paz.

Eram 700 prisioneiros, capturados pelos sino-coreanos; entre eles crianças, mulheres idosas, sacerdotes franceses, dois dos quais com mais de oitenta anos, e ainda outros com mais de setenta. Outros válidos, a quem a marcha forçada de 250 quilómetros reduziu as energias; de tal forma que uma centena deles morreram pelo caminho; e outra centena morria pouco depois do termo da jornada.

Nós sabemos: há almas tão bem formadas que não acreditam nestas notícias. É difícil, real-

mente. Mas nós cremos na veracidade da narrativa dum bispo cristão reformado, sobrevivente da trágica tortura; e queremos tirar dela uma lição directa, clara, actual, real, com seus símbolos que apelam às verdades já arquivadas no nosso ser interior, em dolorosas experiências por que todos passamos.

Ali estavam mongóis, filhos duma civilização particularíssima, do tradicional "País das Madrugadas Serenas" (como se chama a Coreia em coreano) e homens brancos do Ocidente, "bárbaros" que não inventaram o papel nem a imprensa, mas que os utilizam em milhões de toneladas para conjugarem os verbos do ódio, da suspeita e do medo... Ali estavam representantes de diferentes confissões cristãs, cumplices teóricos da luta secular de Constantinopla e Roma, de Praga e de Constança, da Rochela e Paris, de Londres e Dublin. Mas um major ateu comandava o grupo, a ordem era marchar sempre, marchar mesmo sem poder, ir

### SUMÁRIO DO N.º 22

Uma Jornada na Coreia do Norte . . .	1
Reminiscências e Perspectivas . . .	2
A Liturgia no Culto Cristão, R. Taibo . . .	4
Homilética Vertical . . . . .	5
No Atrio: Na Nave; sermão de 5 m. <sup>tos</sup> , A. Arbiol	6
Respigos, Luís R. Pereira . . . . .	7
Lauda Poética: Epitáfios, Eudaro Carmelino .	8
Lusogramas . . . . .	9
Na Seara . . . . .	10
O Livro e os Livros . . . . .	12

buscar ao íntimo ser as últimas reservas de força vital, até cair, cair definitivamente, unir-se à terra onde o nosso barro descansa enfim, enquanto o espírito se evola...

Era a figura da vida, aquela estrada onde se não parava e onde todos sofriam a mesma dor e anelavam pelo mesmo descanso. E assim, indiferentes e fervorosos, católicos romanos e protestantes, quiçá budistas e crentes de Xinto, e até o bispo anglicano que narra o sucesso, unidos no mesmo trágico destino, abatiam bandeiras e se olhavam como irmãos...

Ah! Se sempre o fossemos, como Jesus seria compreendido e amado, Ele que disse: "Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei"!

Onde fica a Controvérsia nos dias da Perseguição? Quando o vento sopra forte, toda a seara se inclina para o mesmo lado. Ainda que o trigo seja de diferente classe, seja a espiga grada ou chôcha, ou esteja a planta em diverso grau de maturidade, se isso é possível. O forte vento da perseguição dá a toda a seara o mesmo pendor.

Se todos sentíssemos o mesmo, uns pelos outros, mesmo onde se não sofre se amaria, e amando-se procurar-se-ia a compreensão.

Compreender, conhecer, é conviver, é amar; e o amor é a vida, o Amor é Deus, Deus em nós.

] :: [

PARA nós, cristãos modestos, a nota mais formosa das justas homenagens prestadas à figura de relevo mundial do

Chefe do Governo Português, foi a oferta do retrato de sua Mãe. A alma portuguesa ainda e sempre sabe encontrar a nota terna na sinfonia heroica. E nas festas da coroação de Isabel II da Grã-Bretanha? Para nós, a nota tocante, no meio de tanta grandeza e brilho, foi o convite a vinte londrinos invisuais para assistirem, na Abadia de Westminster, ao serviço religioso a que milhões de pessoas desejariam ter assistido. Tomaram eles lugar ao lado de príncipes e de princesas e outras altas individualidades, durante a excelsa cerimônia; ouviram os belos coros e as vozes da Rainha e do Arcebispo de Cantuária, e puderam acompanhar todo o serviço junto de dois guias, e em programas especiais de escrita Braille. Se há puritanos e pietistas que se enfadaram perante a ostentação dos grandes da terra, e se há gente fria e prática que se irrita com o medievalismo ressuscitado, nós preferimos ter o prazer de acompanhar a alegria dos nossos irmãos cegos, acarinhados e respeitados, dando-nos a sensação que num mundo tão prosaico e rancoroso ainda há poesia e amor.

REMINISCÊNCIAS  
E  
PERSPECTIVAS  
II

] :: [

Vimos a exposição comemorativa do centenário de Vicente Van Gogh, promovida pela Sociedade Nacional de Belas Artes e

o Círculo dos Amigos da Holanda, de cujos corpos gerentes faz parte o nosso director. Bem dignos de estudo são esses trabalhos, dum homem de génio que foi precursor de escolas recentes de pintura, que talvez exagerem a sua maneira, sem terem o seu talento. Aos 25 anos, com o seu diploma de teologia de Amesterdão, começa a sua actividade evangelística no Borinage; mas a arte vence-o. Dez anos depois sofre a primeira crise de loucura e morre ao fim de dois anos, na treva mental, ele, que tanto amara a luz e a cor! Duma sua carta leiamos este trecho, que é um tratado de psicologia cristã: "Prefiro pintar os olhos dos homens a pintar catedrais, porque nos olhos há qualquer coisa que não há nas catedrais, mesmo que elas sejam magestosas... a alma de um homem, embora se trate de um pobre estropeado ou de uma meretriz, toma a meus olhos maior interesse". Por isso, por mais decaído que esteja, o ser humano é obra de Deus. Levantá-lo é cooperar com o Criador.

~

Em 24 de Março morreu o campeão católico-romano do ecumenismo Mons. Paulo Couturier.

Damos graças a Deus porque ainda contribuimos, ao menos por uma vez, para dar àquele coração, no qual ardia a Caridade, a alegria de mais um grupo cristão o compreender nos seus anseios. Foi neste ano que a Igreja Lusitana utilizou, como tantas outras Igrejas Reformadas, o programa de oração pela unidade dos cristãos, movimento que o P. Couturier fundara em 1937. Ouçamo-lo ainda: "Visto que todos os cristãos são, mais ou menos, responsáveis pelo estado actual da Cristandade fragmentada, é necessário uma reparação colectiva, simultânea, visível, tanto quanto o possa ser. Em face da fealdade das suas separações, esta simultaneidade permitirá enfim aos cristãos oferecer a seus irmãos não cristãos, e a toda a criação em expectativa, a comovente e visível beleza da Unidade dos seus esforços espirituais, prelúdio e penhor da Unidade Cristã, beleza que transcende a de toda a harmonização de esforços meramente humanos."



"O Arcebispo de Cantuária, Rev. Dr. Fisher, estava entre os que conversaram com o marechal Tito durante a sua recente visita a Inglaterra. O arcebispo aproveitou essa oportunidade para exprimir-lhe os seus pontos de vista sobre a liberdade religiosa, esses pontos a que tem dado expressão pública" (S. E. P.). Vem a propósito informar que "Christian Century", de 14 de Janeiro deste ano, trouxe um artigo de Sherwood Eddy, que o "Arauto Cristão" de Varginha, Estado de Minas, reproduziu em versão de W. Carvalho Luz. Gostaríamos de dar aqui alguns trechos mais vibrantes e esclarecedores desse artigo. Na impossibilidade de irmos mais longe, contentamo-nos em resumir a história nestes poucos **ítems**: A Jugoslávia, ou antes, as nacionalidades federadas sob esse nome, vive em luta de religiões, pelo menos desde o "cisma-duplo" de Constantinopla-Roma, de 1054. O ortodoxismo, fiel aos seus princípios de autocefalia étnica, não faz política de combate nos arraiais de Roma; mas o romanismo, preza do seu sonho de universalismo autoritário, tem procurado por todos os meios absorver as igrejas autocéfalas ou destruir a sua organização. Este ideal pseudo-religioso tem sido de facto, nestes novecentos anos, prestes a completarem-se, um movimento

político internacional, ou contra-nacional. É assim que os mentores papalistas acarinharam um partido terrorista, denominado "Ustachis", responsável comprovado e confesso por numerosos crimes de regicídio e de matança "em ponto grande", para o que se tem posto ao serviço de exércitos invasores ou tem operado por conta própria com ferocidade incrível. De facto os "ustachis" têm combatido o novo regime soviético da Jugoslávia; mas serve esse combate de "justificativa" da destruição dum milhar de templos ortodoxos e protestantes e do assassinato de mil e quinhentos dirigentes eclesiásticos das duas confissões. Três bispos ortodoxos foram executados, um deles após prolongada tortura, e quando o poder dos ustachis estava no auge, duzentos e quarenta mil sérvios, em pretensa conversão em massa, aceitaram o catolicismo romano como esperança última de salvarem a vida. O franciscano Filipovic, admitiu que, por seu próprio mandato, foram exterminadas quarenta mil pessoas no Campo de Concentração de Jasenovac. E mais, muito mais. Como os vaticanistas devem estar orgulhosos com esta estatística! Mas tanto do lado romano como noutras cristandades, o verdadeiro cristão sofre dolorosamente com estas traições a Cristo.



Luís de Barga, no "Arriba" de Madrid, segundo o "Diário de Coimbra" de 17 de Junho, transmite aos seus leitores uma informação hesitante, que tanto pode provir de boato sem intenção como de "teste" psicológico, a "tomar o pulso": que se pensa no Vaticano em modificar, não a essência da penitência, mas o seu exercício. Assim, como hoje a abstinência cárnea pouco significa, pois em muitas partes ela se pratica por imposição económica, e para muita gente já nada custa, seria substituída pela renúncia ao tabaco, à telefonia, ao futebol e até... ao jogo da canasta, durante as vinte-e-quatro-horas da tradição. O melhor da notícia, e que absolutamente aprovamos, está na aplicação dos veículos automóveis, nesse prazo, com renúncia a passeios, a ajudar os ministros cristãos na sua missão, e no uso do próprio tempo em visitar doentes e órfãos. A renúncia por amor, eis o jejum prático.

## *A Liturgia no Culto Cristão*

pele Rev. Ramon Taibo Sienes  
(da Igreja Presbiteriana de Madrid)

**E**STÁ suficientemente provado na História Eclesiástica que em grego, latim e siríaco — línguas faladas pela maioria das nações que no princípio se converteram ao Cristianismo — usavam-se nas Igrejas Liturgias, isto é, "ordem e forma aprovadas pela Igreja para a celebração dos ofícios divinos". Os escritos dos Padres da Igreja provam igualmente que era costume, entre os cristãos primitivos, toda a congregação tomar parte nos responsórios e no canto dos salmos e hinos. (É quase escusado juntar que tanto salmos e hinos como as liturgias, eram cantados ou recitados em idioma que a congregação compreendia). Por exemplo, S. Cirilo escreve: "Quando o sacerdote diz: **Elevai os vossos corações**, o povo responde, **Elevamo-los ao Senhor**; em seguida diz o sacerdote, **Demos graças ao Senhor** e o povo responde-lhe, **É digno e justo**". S. Crisóstomo diz que "apesar de serem muitos a profirirem a resposta, a voz ondula como se partisse duma só boca". E S. Hilário chega a fazer menção das pessoas que, encontrando-se embora fora da Igreja (em geral por ser esta de escassa capacidade para conter numerosos fieis) podiam contudo ouvir a voz da congregação, que dentro do recinto da Igreja oferecia oração e louvores ao Eterno".

Por uma reacção — talvez natural, mas em muitos casos desmedida e, no nosso modesto entender, sempre errada — são bastantes os cristãos evangélicos que ficam fora de si só por ouvirem falar em liturgia, chegando alguns a considerar menos "evangélico" o culto em que se usa liturgia, do que aquele em que ela é completamente banida. Vem a propósito o velho ditado "In medio, virtus". "Ordenar e dar forma ao culto, é a função da Liturgia" e cremos que a Liturgia, se não se abusa dela, pode ter e deve ter um lugar no Culto evangélico. Assim poderão os fieis tomar uma parte mais activa no culto, **vivendo-o** — passe a expressão — mais e melhor, sem duvida alguma do que quando a sua participação fica reduzida, como na maioria dos nossos cultos acontece, (1) à parte que

toma no cantar dos hinos. O costume que desde criança havemos presenciado na Igreja a que pertencemos e na qual exercemos agora, principalmente, o nosso esforço evangelizador, e que na dita Igreja — como talvez noutras — está a desaparecer, da Congregação recitar em voz alta, com o seu pastor, o Pai Nosso e o Credo nos cultos dominicais matutinos, achamos que devia restabelecer-se e... estender-se.

Claro que tudo o que deixamos dito nada tem que ver com aquela, por muitos estabelecida, "falsa equivalência, perniciosa sinonímia, entre Liturgia e ritualismo ou cerimonialismo": A "pompa cultual sob cujas pomposas frondosidades não circula fresco e renovador o sangue arterial da vida cristã". Diga-se porém de passagem que pode acontecer, e algumas vezes acontece, haver mais cerimonialismo e ritualismo em cultos que pretendem ser simples do que noutros que, pelo menos na aparência, buscam o contrário.

Está bem longe do nosso ânimo, e ainda mais da nossa intenção, "uma certa eficácia de atracção sentimental sobre as multidões com escassa ou nenhuma transcendência vital". Nenhum cristão evangélico o deseja nem tão pouco o anela hoje em dia, pelo menos nos seus espíritos mais cultivados, a própria Igreja Católica Romana. A Liturgia ha de ser, essencialmente, manifestação de vida, "exteriorização esplêndida e cheia de sentido e de expressão, de toda a transbordante intimidade da vida cristã". Por isso toda a Liturgia ha de ser cristocêntrica, devendo Cristo Jesus ser nela o foco de gravitação das almas.

O que estamos a tratar seria muito fora de propósito se o homem, em vez de ser um composto de alma e corpo, fosse só espírito. Assim, poderia remontar-se até Deus, não tendo em consideração qualquer distância especial, quer dizer, desprezando em absoluto a matéria, por dela não precisar. Tão pouco necessitaria neste caso, "de formas sensíveis, o culto, que não é mais do que o acto externo da religião, sincrónico do acto puramente interno". Mas como na realidade o homem vive na terra — e, infelizmente para todos os seres humanos, muito mais apegado a ela do que seria desejável ou conveniente — está também sujeito "à servidão da matéria para fazer-la cooperar no acto de adoração a Deus". Poderá de certo objectar-se que não deveria ser assim, e que o cristão remido pelo sangue de Cristo, deveria viver num plano espiritual tão

(1) O autor refere-se aos Cultos Presbiterianos em Espanha e aos de outras Igrejas análogas.

elevado, numa atmosfera espiritual de tal altura, que não necessitasse do auxílio de qualquer coisa material para chegar-se a Deus, e render-se-Lhe aquele culto em espírito e verdade que Ele deseja receber de Seus filhos, pois lá disse Jesus Cristo quando não quis tomar partido nem por Jerusalem nem pelo Monte Gerizim como lugares exclusivos para dar culto a Deus, que "Deus é Espírito, e importa que os que O adoram O adorem em espírito e verdade" (S. João cap. 4, v. 24). Porém isso, ainda que seria o ideal, não passa de ideal... Ora os ideais devem, sem dúvida, estar sempre perante nós como aquele alvo para o qual nunca devemos deixar de caminhar, embora saibamos de ante-mão quão difícil ou mesmo impossível é alcança-los. Mas a realidade bem triste e dolorosa, realidade enfim, é muito outra. E o que não admite a mínima discussão é que "do ponto de vista da Religião, não se pode prescindir dos sentidos, visto que a Religião, que é o vínculo entre o homem e Deus, abarca integralmente o ser humano, como ele é de facto, corpo e espírito".

Chamou-se à Liturgia, "Dogma em acção", "forma adequada da comunidade cristã em exercício", "serviço social", "ofício público para o povo". Sto. Agostinho definiu-a na sua "Cidade de Deus" como um "sinal sagrado e visível da nossa religião, que traduz o que há nela de espiritual e invisível para, deste modo, enxertando-se no sentido, levar até ao fundo do espírito a vida de Deus que nele se encerra". **Officium servitutis Ecclesiae.**

## O Talento

por Anatólio France

O talento é aquilo que menos se perdoa. Fácilmente desculpamos baixezas de alma e perfídias de coração numa pessoa. Admitimos e perdoamos as suas covardias, as suas maldades, e até mesmo a sua fortuna não nos desperta inveja, ainda que a saibamos imerecida. Os mediocres são louvados por outros mediocres que lhes fazem camarilha — e que com eles se honram. A glória dum homem vulgar a ninguém ofende; antes é tomada à maneira de homenagem prestada ao vulgo. Há, porém, no talento uma insolência que se expia num ambiente de ódios surdos e de calúnias minazes.

## HOMILÉTICA VERTICAL

À oratória sacra, despida de galas de artifício, mas informada pelo amor ansioso das almas, amor que foi acrisolado por aquele Apóstolo e Doutor das Gentes que clamava: "Ai de mim se não evangelizar", foi convencionalmente chamar-se Homilética, duma raiz grega que significa multidão. Mas a multidão é constituída de indivíduos, e por vezes estes são atingidos, não em conjunto, por meio do sermão, da prédica, mas por meio da conversação, do diálogo.

O ministro cristão tem de olhar com tanto carinho um como o outro método: o da prática pública, em que mais particularmente este é um missionário, como o do colóquio, em que é mais especialmente um pastor.

Nunca nós encontramos, em qualquer língua do nosso conhecimento, compêndio ou tratado sobre os métodos, o alvo e a eficiência da conversação pastoral; e nos tratados de homilética que temos compulsado nem um capítulo ou adenda refere o, todavia, importantíssimo assunto.

Que bom seria que a humilde literatura didáctica portuguesa fosse enriquecida por um "guia profissional" ou "livrinho de método", de aquilo a que chamamos, perdoai o atrevimento — "Homilética vertical"!

Expliquemos a justeza da locução, se ela existe: A homilética do púlpito tem por alvo um magote de pessoas de todas as idades, de diferente formação e de ambos os sexos, e não pode o prégador dirigir-se em particular a este ou àquele. Pode — e deve — pedir a Deus que o guie na elocução e lhe inspire a palavra que, sem sua consciente intenção, vá exortar, confortar, repreender ou estimular as almas, segundo as suas particulares necessidades ou anseios. E quantas vezes a bênção tem saído involuntariamente dos lábios de prégadores, pelo poder da Palavra! Por isso, na linguagem do Novo Testamento, pregação é profecia.

Por outro lado, se o prégador tem em vista, ou no pensamento, uma falta ou erro de certa pessoa, não nos parece lícito que use ataque directo, pois não pode ouvir do suposto delinquente a sua própria versão, e portanto há aí uma esgrima desleal, dum ser armado e livre, contra um outro desarmado e coacto.

A homilética deste género, a arte clássica da prègação, é **horizontal**, porque se alarga na medida do seu público, a todos abarca ou procura abarcar, em tese, e a ninguém dirige o bote intencional, ao esgrimir a "Espada do Espírito". Ao Espírito compete "verticalizar" a mensagem que o prègador lançou em linha envolvente, larga e extensiva. E que bênção é prègar essas Boas Novas a tantos que carecem dela!

Mas pensemos de novo, agora, na mensagem vertical. O pastor, em contacto com cada alma, continua "pescador de almas", conforme o desejo de Cristo, mas, em vez de rede, usa agora a linha ou a nassa. Agora revela um interesse pessoal pela pessoa. O "amor das almas" do prègador público torna-se aí o "amor a cada alma" do pastor. A mesma simpatia irradiante é necessária, mas opera, não como no gesto largo do semeador que em ondas circulares atira a semente à terra, com o risco irremediável de alguma cair no solo duro do caminho, ou no pouco humo do chão pedregoso, ou no solo inçado de espinhos, apesar de rico de seiva; mas com o meticuloso trabalho da plantação, em que a ponta da charrua abriu o rego ou cova para onde a vergõntea débil se transplanta do horto.

A homilética perpendicular desce ao coração do interlocutor, ou esforça-se por consegui-lo. No diálogo estabelecido, o ministro cristão imita Sócrates, fazendo falar, e, sobretudo, imita Cristo, fazendo sentir. Abre o sulco no coração, para aí colocar o germe da Verdade Eterna. Pode dizer como o filósofo antigo: "Fala, para que eu te veja", porque é pela palavra não mascarada, numa conversa leal, que as almas são vistas.

Essa é a homilética vertical, em que, se se torna necessário, se pode condenar fraternalmente um erro, porque se dá oportunidade de defesa. Em que se chega a conhecer a chaga em sua fundura, a equimose em sua extensão, a dor em sua agudeza, a frialdade em seu grau, o desapontamento em suas consequências; o exacerbamento duma paixão, a força duma resolução, a ternura duma reminiscência, a agitação dum remorso.

Nosso Mestre e Salvador dá o modelo das duas homiléticas, e não poderemos nunca dizer qual dos trechos, que constítuem, ambos, inesimável tesouro dos crentes, é mais belo e mais poderoso: se a homilética horizontal do Sermão da Montanha, se a homilética vertical do diálogo que Ele sustentou com a Mulher de Samaria.

Sermão da Montanha, e Diálogo com a Samaritana: que maravilhosos paradigmas da Homilética de Nosso Salvador e Mestre!

## NO ÁTRIO

### Comemorações próximas:

25 de Julho: Sant'Iago A. e M.

6 de Agosto: Transfiguração do Senhor

24 de Agosto: S. Bartolomeu A. e M.

## N A N A V E

### Sermão de Cinco minutos

pelos Rev. A. F. Arbiol

"Assim amou Deus ao mundo, que lhe deu seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crêr não pereça, mas tenha a vida eterna"

Ev. de S. João 3 : 16

A Paz de Deus seja convosco.

Este texto chama-se o "Evangelho em miniatura" porque resume toda a matéria neste contida. Segundo a lógica não há efeito sem causa. A dádiva do filho unigénito de Deus, para salvar o mundo, foi efeito ou resultado dessa causa sublime do amor de Deus.

Se o mundo carecia de salvação, é porque era um mundo em estado de corrupção e falência moral. Como se compreende, pois, que Deus o amasse tanto? É fácil encontrar a explicação de tão grande amor. Basta abrir a Bíblia na primeira página: "No principio criou Deus os céus e a terra" (Génesis 1:1). Eis a explicação mais perfeita do amor de Deus. O modelo do maior amor humano é o amor de mãe. É a mãe que cria o filho e o amamenta, que o vigia, ampara e defende de todos os perigos, dada a fragilidade do seu corpo; poderá deixar de o amar? Certamente que não. Não é verdade que o que se faz à custa de esforço, dedicação e inteligência, nos é muito mais querido do que aquilo que se obtem sem trabalho algum? Pigmeleão, escultor célebre da antiguidade, apaixonou-se pela estátua de Galatea, que ele próprio fizera, e desposou-a, havendo obtido de Venus que lhe insuflasse vida. Inspirado neste mito, Bernard Shaw, talvez o maior dramaturgo moderno, em

língua inglesa, escreveu uma obra literária que foi adaptada ao cinema sob o título de "Pigmaleão". O protagonista encontra uma rapariga na rua, sem cultura nem educação, e propõe-se fazer dela uma rainha. Dá-lhe educação, corrige o seu plebeu vocabulário e ensina-lhe as boas maneiras. Ainda que com bastante custo, transforma a sua rudeza e ignorância em afabilidade e inteligência. Quando foi, finalmente, apresentada na sociedade, é tomada por uma rainha oriental, e todos a contemplam com enlevo e admiração. Então o autor do seu progresso social apaixonou-se por ela e desposou-a. Tanto o caso do Pigmaleão como a obra literária por ele inspirada, são ilustrações do amor de Deus. Do lodo Deus faz pérolas de grande valor. Ébrios incorrigíveis, malfeitores e criminosos temíveis, enfim, pecadores no maior estado de miséria moral, têm, pela influência poderosa do Espírito Santo (que é o amor de Deus em acção) sido regenerados e santificados, passando desde então a ter exemplar comportamento social e cristão. Dir-se-ia que nasceram de novo, tal a transformação operada nas suas vidas.

A dádiva é a expressão mais eloquente do amor. Por isso Deus deu Seu Filho. Quem crer nele não se perde no labirinto deste mundo, porque Ele é o caminho; não se intimida nas trevas do pecado, porque Ele é a luz; não é manchado nem iludido pela mentira, porque Ele é a verdade; não vive na incerteza da vida eterna, porque Ele é a ressurreição e a vida. O amor de Deus visa a vida futura, da qual Jesus é o meio de acesso. Se assim não fosse, o seu amor não seria o maior de todos, porque pouca diferença faria dos outros. Haverá quem não creia em Jesus, quem rejeite o dom glorioso da salvação, quem despreze tão grande amor? Estar nessas condições é viajar sem destino, é não ver mais do que a razão permite, é ignorar que o panorama mais belo é aquele que se desdobra, na multiplicidade de fases cheias de encanto e magia, para além do horizonte da vista humana. O amor de Deus é eterno e universal. Deus amando o mundo amou os seres que o habitam, mesmo que destes alguns O não amem. Sendo a ignorância, a maldade e o orgulho, o motivo dessa falta de amor de alguns, o seu número há-de diminuir ou acabar mediante o fruto do Evangelho, o efeito da bondade e o sentimento da humildade que o amor de Deus fará gerar nos corações.

## RESPIGOS

### APRISCO E REBANHO

**ESCAPA** com certa facilidade ao leitor menos atento, no capítulo décimo do Evangelho de S. João, o contraste entre estes dois termos — **aprisco e rebanho**.

O **aprisco**, como se sabe, é o recinto onde podem estar encerradas ovelhas até pertencentes a mais de um **rebanho**. O judaísmo era um **aprisco**; a circuncisão, o Sábado, os ritos sacrificiais, os preceitos dietéticos e demais pormenores cerimoniais na Lei, eram outras tantas traves das sebes que constituíam esse aprisco; ele representava as marcas externas, materiais, que separavam Israel das outras nações, que isolavam o povo escolhido, como o aprisco isola do exterior as ovelhas que estão dentro dele. Aquele **aprisco**, porém, embora de instituição divina, era transitório. "Chegada a plenitude dos tempos" veio o Bom Pastor, o Pastor Divino, chamou pelo nome as Suas Ovelhas e trouxe-as para fora do **aprisco**. Estava formado o seu **Rebanho**. Nem todas as ovelhas do aprisco judaico eram Suas; a maioria, mesmo, não O reconheceu e ficou no **aprisco**. Mas as ovelhas do Bom Pastor, as que saíram, ficaram, como **Rebanho**, numa situação inteiramente diferente daquela em que se encontravam no **aprisco**. Estavam livres! Era sua a campina; seus os vales e os montes! Não mais paredes, não mais barreiras! Contudo estão juntas, mais juntas do que nunca. Qual a força de coesão que as mantém unidas? A personalidade do Pastor, cuja voz ouviram e a Quem seguem. Não estão encurraladas num pátio; estão agrupadas em torno de uma pessoa.

Os cristãos nem sempre mostraram conhecer bem a diferença entre **aprisco e rebanho**, e têm sido muitas vezes os que pretendem ser mais "espirituais" aqueles que mais apriscos sectários têm arranjado, encarcerando ovelhas do Senhor nos currais estreitos das suas interpretações particulares da ética e da doutrina do Evangelho.

Não se julgue, todavia, que o **Rebanho** do Bom Pastor é uma coisa vaga e indefinida. Muito pelo contrário! As ovelhas desse rebanho têm

(Conclui na pág. 12)

# LAUDA POÉTICA

## EPITÁFIOS

Desfaz-se aqui um guerreiro  
No pó dos séculos.  
Seus pés calcorream,  
Seu braço acutilou,  
Sonhando com uma pátria que ainda o não era.  
Sonho de criança num peito de fera!  
O corcel que apertou entre os joelhos,  
Onde está?  
Os homens que tornou seus inimigos,  
Pela raiva criadora,  
Pela ambição devastadora,  
Onde estão?  
Tataranetos levianos,  
Gente impensada e fria,  
Descobri-vos; suspendei os passos,  
Vossos passos sem um alvo,  
Vossos pensamentos sem um nexo.  
Descobri-vos e ajoelhai  
Na terra, que é já o pó do guerreiro morto.



Fui criança gentil, fui págem loiro,  
Fui escudeiro presto, e cavaleiro.  
Cortesão numa côrte sumptuosa.  
Intriguei, poetei, amei, sofri.  
Hoje sou nada, hoje sou terra e cinza,  
Um nome fútil, um brasão delido,  
Uma lembrança vaga, inconsciente.  
Passai... dizei:  
Não sentireis acaso a vaga angústia  
Dum porquê sem resposta?



Ou Pero ou Paio, quem sou eu?  
Sancho ou Martím, quem sou?  
Trouxe de Roma a Fé.  
Apedrejado,  
Quase adorado,

Sofri penúria, tive abundância,  
Gelei de frio, suei calores,  
Subi escarpas, vadeei rios,  
Gozei os brados dos arrependidos,  
Calei afrontas de blasfemadores,  
Debrucei-me no abismo tão escuro  
Da alma humana,  
Ajudei a viver e a morrer.  
Disse ao Sòzinho que há no mundo UM,  
Um, que o é sempre,  
Um que sempre será — sempre será!



Morreu na flor da idade.  
Nem decorara ainda o seu papel de ingénua.  
Olhava a galeria em susto e com surpresa.  
Que viria depois? Não sei, nem tu o sabes.  
Veio o termo de tudo: e o próprio sonho que era  
Ainda informe e vago,  
Desvaneceu-se ténue, vacilante,  
Tal como um veu esgarçado  
De noiva, gaze leve,  
Ou estrato esbranquiçado e passageiro  
Lá no horizonte infindo!



Mãe! Aqui jaz o teu despojo, oh! Mãe!  
E a túnica de linho fino e alvo  
Que cobriu o teu ventre, onde os meus ossos  
Se formaram, se compaginaram,  
Se revestiram desta pobre carne.  
Alvo linho de fina tessitura,  
Batido pela dor de que eu nasci,  
Envolve esse teu despojo,  
Minha Mãe!

*Eudaro Carmelino*

## LUSOGRAMAS

O quingentésimo aniversário da impressão da Bíblia com caracteres móveis — o venerando incunábulo de Gutenberg — foi comemorado pelos correios dos Estados Unidos com um magnífico selo, no final do ano passado. É de facto por estes anos, não se sabe ao certo qual, que passa o 5.º centenário desse excelso acontecimento.

— As prudentes inibições que da Assembleia Nacional saíram para a assistência de menores a determinados filmes cinematográficos, já produziram na imprensa evangélica da nossa terra dois magníficos artigos, que merecem especial menção, da autoria dos srs. Joel Ribeiro e Jorge A. P. Rosa. Não podemos deixar de dar-lhes o nosso assentimento e de lhes render o nosso preito.

— O recordismo desportivo por nações é uma nova fonte de discórdia, como se viu nas Olimpíadas, onde até se procurou fazer discriminação racial na estatística recordista! É isto desporto? Como se deformam as coisas! Não seria melhor fazer obra humana, ao lidar com o animal humano?

— Há obreiros cristãos que se esforçam por fazer uma sociedade com Deus, entregando-Lhe a comandita e tomando a gerência. Mas isto é erro grave e origem de muitos outros erros. Somos simplesmente, e felizmente, servos de Deus.

— Que nós saibamos, foi o secretário geral da A. C. M. do Porto, de 1922 a 1927, quem lançou em Portugal a **ficha desportiva**, de que devem existir alguns raros exemplares. Iniciativa hesitante, realização ingénua, decerto, ela tinha, contudo, a preocupação de dar ao jovem a ideia de que ele não é um mero corpo mas um intelecto e uma alma também. Citava-se em grego a famosa frase de Tales de Mileto, frase que cada um atribui a quem lhe lembra no momento da citação, e que se traduz: "conhece-te a ti mesmo".

— O povo de Alcabideche pôs um parêntese nos seus negócios e ornamentou praça e estrada para receber a "Fátima". Chega a camioneta com os alto-falantes de "propaganda" e pouco depois a imagem. Espanto e desilusão! A "Senhora" era outra mais pequena: não a autêntica. Protesto geral. Vá de desmanchar todos os aprestos e de retirar em boa ordem. E não houve quem o demovesse, segundo nos narraram. Porque no povo persiste a ideia animista do valor sacro

ligado à matéria. Não se trata dum símbolo (que é isso de símbolo? não sabem...) mas de objectos que têm, ou não têm, poder mágico, de encantamento...

— A glossólia usada por alguns sectários modernos em seus conciliábulos mais íntimos, e que consiste em gritaria destrambelhada, com termos desconhecidos, é uma deturpação da liturgia. Esta está bem explícita no Evangelho; basta saber ler; enquanto a outra é condenada, e claramente, no capítulo que às vezes se invoca para a usar: o 14.º de 1.ª aos Coríntios. Não se deve orar nem cantar sem o controlo mental. Leia-se o ver. 15.

— Quem é o Apóstolo do Amor? E quem o Apóstolo da Fé? Todos o sabemos. Pois bem: S. João deu-nos a mais estupenda definição da fé, na 1.ª epístola, 5:4; e S. Paulo, por sua vez, dá-nos a mais maravilhosa visão do amor na 1.ª aos Coríntios, capítulo 13. O Divino Autor é o mesmo.

— O falecido rei da Jordânia, quando tinha de receber alguém cujas exigências ou opiniões, segundo ele, necessitavam revisão, fazia esperar o visitante numa sala forrada desses espelhos deformantes que se exibem nas feiras do Ocidente... Prática talvez pouco "ocidental", mas resultante. Nada pode reduzir tanto as nossas irredutibilidades como a visão de outras perspectivas e o ridículo que facilmente nos surpreende.

— O que vale em Roma é o espírito católico, de universalidade e de continuidade, que dá às cristandades algumas boas lições. O que prejudica o catolicismo é a política romana, que afasta tantas almas sinceras.

— Um problema posto por "mim" a "mim-mesmo": Se eu não tivesse inimigos, como havia de aprender a amar os meus inimigos? Devo, assim, aprender a suporta-los, digamo-lo todos, pois "o amor tudo suporta".

— "É o que se leva deste mundo", dizem muitos, em referência à comida e à bebida. Afinal é muitas das vezes o que **nos** leva deste mundo, mais cedo, devido às doenças de nutrição e às intoxicações. Não se leva nada disso, mas isso, às vezes nos leva.

— Está em preparação um guia de liturgia e leitura nos cultos, guia que será provavelmente publicado em folhas mimeografadas, se houver número suficiente de pedidos de congregações interessadas, feitos por intermédio de "Ecclesia" ou directamente ao colendo Sínodo.

— Em certa sociedade humana há duas "verdades": a que se publica e a que se segreda. Ambas movem a massa, mas nenhuma merece crédito, pois a primeira é ditada pela conveniência hipócrita e a segunda pelo rancor invejoso. Se não sempre, quantas vezes! Os filhos de Deus não usam uma nem outra, mas só o que a sinceridade dita.

— A França também adoptou a "Festa das Mães", no segundo Domingo de Maio. Só Portugal, que sabemos, a transformou. O "Figaro" chama-lhe há tempos "homenagem de inspiração laica", e disse bem. Foi de inspiração não eclesiástica, mas a Igreja tem-na sancionado ou aproveitado nas Escolas Dominicais. Há quem lhe ponha reticências, porque os pais... Mas, senhores, o lugar do Pai é junto a seus filhos, prestando homenagem à Mãe! É belo, pois não é?

— Entre ser uma das muitas seitas protestantes, filhas do Livre Dogma (que não é o mesmo que Livre Exame das Escrituras) divorciando-se da Unidade Docente, ou uma sentinela humilde da Catholicidade Primitiva, que espera o regresso dos transviados, ou seja a Reforma no veraz sentido do termo, preferimos esta última posição.

— Que é o que mais nos ajuda, como método divino, a vencer uma tentação? Cremos que é a vitória que tivermos ganho sobre uma tentação anterior.

— Desde Maio de 1929, há 24 anos, que se tornou ilegal na U. R. S. S. imprimir, publicar, distribuir ou circular as Escrituras Sagradas, ou qualquer parte delas. Nenhuma modificação desta lei tem sido feita, diz-nos a "Moody Monthly". Nenhuma permissão tem sido dada para a distribuição da Palavra de Deus na Rússia, que nos conste.



## ERRATA

Pede-nos o respeitável ancião, nosso colaborador, sr. José de Pina Cabral, que rectifiquemos um erro de composição, que a revisão deixou passar, nos seus versos, no nosso número anterior: "incontinente", onde devia ler-se a locução latina **in continenti**.

## NA SEARA

Uma grande perda sofreu a Igreja Espanhola Reformada, na pessoa do seu bispo-eleito, Revmo. Fernando Cabrera, partido desta vida em 21 de Maio, depois de curta enfermidade. O illustre extinto, prezado Amigo que deixou consternados os seus companheiros de luta e os seus queridos familiares, era filho do bispo D. João Baptista Cabrera, que fez parte do Conselho Episcopal de Patrocínio da Igreja Lusitana, e ele mesmo amigo devotado nosso, como o demonstrou nas jornadas de confraternização luso-espanholas a que noutra lugar nos referimos.

Dois meses antes, a 25 de Março, falecera em Málaga o Rev. José Pimentel Vega, que foi presbítero da Igreja Espanhola Reformada e ingressara há poucos anos na Igreja Evangélica Espanhola, mantendo-se, apesar da sua provecção, à frente da mesma congregação, fiel ao seu Senhor e aos seus paroquianos.

À Espanha cristã reformada, ao clero evangélico espanhol, enviamos os nossos sinceros pêsames.

Sofreu ultimamente a nossa revista, na pessoa de alguns dos seus assinantes e colaboradores, a dor com que os acompanhamos desde aqui, pela perda de entes queridos: Sérvulo Nunes Chaves, o respeitável ancião de cuja vida há pouco deramos o balanço, difícil de imitar; Paulo Baerlocher, membro illustre da colónia suíça, da família do nosso director; D. Maria José da Encarnação Pinto de Carvalho, esposa devotada do pastor baptista snr. Raul Pinto de Carvalho; e Mrs. Jane Margaret Hall, mãe de Mrs. Violet Hall de Figueiredo, sogra do nosso prezado colaborador Dr. Leopoldo dos Santos Figueiredo. Em todos estes funerais oficiou o nosso director, tomando sentida parte na emoção dos doridos.

### ***Bodas de Ouro do E. C. de Gaia***

De 3 a 9 de Maio celebrou a Liga de Esforço Cristão de Vila Nova de Gaia o seu quinquagésimo aniversário. O brioso espírito nortenho soube, como sempre, comemorar o sucesso preenchendo esses sete dias com um culto eucarístico de louvor e acção de graças a Deus, um estudo bíblico e uma reunião de evangelização, um serão familiar e uma reunião íntima, e por fim uma sessão solene. Deixamos para o fim referir a iniciativa que, pelo carinho de que se revestiu, merece nota especial. No dia 4 cinquenta casais sobreviventes dos que o Rev. António Ferreira Fiador, no decurso de 39 anos, uniu nos santos laços do matrimónio, promoveram uma manifestação de simpatia, num jantar de confraternização a ele oferecido e a sua Esposa, manifestação que foi coroada de pleno êxito. Ofereceram-lhe flores e um album com os retratos de todos os casais promotores da manifestação. Foram momentos de grande emoção estes, que verdadeiramente nos inspiram.

### ***Ainda Gaia, "Pioneira de Amor"***

A Junta Paroquial da Igreja de S. João Evangelista tomou este ano a iniciativa, imitando assim um uso muito seguido nas Igrejas do episcopado histórico no estrangeiro, de destinar o total das ofertas dos serviços divinos de Domingo de Pentecostes ao seu querido Pastor, enviando previamente uma circular a todos os membros, em que lhes chamava a atenção para o ensino de S. Paulo em 1.ª aos Coríntios 9:13 e 14, e lhes pedia o comparecimento em massa aos referidos serviços. De facto houve uma assistência excepcional, e o ofertório rendeu para cima de mil e seiscentos escudos. Abraçamos com alegria o Rev. Pároco de S. João Evangelista pelos **valores morais** e permanentes que se representavam nesta iniciativa: amor e gratidão.

### ***S. T. P. de Portugal***

A solenidade da formatura de 1953 do Seminário Teológico Presbiteriano, de Carcavelos, realizou-se este ano na Igreja Evangélica Presbiteriana da Rua de S. Bento em Lisboa, sendo entregues diplomas de Bacharel em Teologia ao Rev. Arnaldo Ribeiro de Carvalho; do Curso de

Educação Cristã a D. Maria Violeta Correia e D. Olga Marques dos Santos de Jesus; e certidão de Curso especial ao Rev. Gaspar de Almeida, de Luanda. A parérese foi proferida pelo Rev. Prof. Gerson de Azevedo Meyer. No convite-programa do Seminário se diz que o seu propósito "é de prover as Igrejas Evangélicas de Portugal com uma quantidade e uma sucessão adequada de ministros hábeis e fieis de Jesus Cristo — como obreiros que não têm de que se envergonhar, sendo qualificados para manejar a Palavra da Verdade". Desejamos à benemérita instituição o maior êxito nos seus propósitos.

Cordealmente felicitamos os formandos.

### ***Acampamento dum Côro de Igreja***

Na "Quinta da Fonte da Vinha", em Oliveira do Douro, por gentil cedência do seu proprietário, Sr. Sebastião Ferreira Mendes, realizou-se um acampamento do Côro da Igreja de S. João Evangelista, com a assistência da sua digna professora-regente, Senhora D. Adelaide C. Dias da Silva e também de pessoas das famílias dos componentes. Os Campistas "de verdade" aproveitaram o máximo do "fim de semana", mas a maior parte dos elementos do côro juntaram-se-lhe na manhã de Domingo, que era o da Trindade.

Iniciativa digna de registo acharemos esta, se pudermos imaginar o que seriam os belos cânticos entoados no aprazível recinto, à beira rio, tendo por fundo a deliciosa paisagem de Valbom e Crestuma.

### ***Reunião anual das Igrejas do Norte***

Continuam com louvável persistência as reuniões anuais das Igrejas Lusitanas no Norte. Desta vez a reunião teve lugar na Igreja do Bom Pastor, no Candal, Vila Nova de Gaia, e prègou o Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral, que foi ouvido com enlevo pela numerosa assistência. A colecta destinou-se a auxiliar a construção da Igreja de S. Mateus, de Vila Franca de Xira.

Registamos também esta notícia com muito prazer, apesar de o nosso órgão não ter o particular escopo do noticiário, porque é incentivo justo e oxalá que eficiente para a confraternização espiritual dos cristãos.

## A Liura e as Liuras

— A primeira revisão da Bíblia em língua inglesa, desde a versão revista de há meio século, é a terminada por uma comissão de trinta eruditos, presidida pelo Dr. Lutero Weigle, a quem tivemos a honra de falar no grande Congresso das E. D. no Rio de Janeiro; comissão essa patrocinada pelo Conselho Nacional das Igrejas de Cristo dos E. U.. Foi a nova versão publicada faz em Setembro um ano. Trabalho probo e constante, que durou quinze anos, não acreditamos, todavia, que venha desde já substituir a versão chamada "do Rei Jaime", pois o mundo protestante é tão tradicionalista como qualquer outra escola cristã, e tem argumentos de contradição na beleza do estilo da sua velha e gloriosa Bíblia. A "Versão Revista" de há 52 anos é que talvez bata em retirada, assim como outras versões parciais. Não conhecemos muito do novo texto; mas algumas acusações que lhe foram feitas, já nós vimos que foram ditadas pela má-fé ou inspiradas pelo velhíssimo "odium theologicum", anterior a todas as versões Bíblicas.

— Acabamos de receber um tratado sob todos os pontos de vista excelente: "A Estrutura da Fé", edição "Ecclesia", de Porto Alegre, 1952: 128 páginas in 8.º. É seu Autor o Revmo. Egmont Machado Krischke, doutor em teologia, bispo do Brasil Sul-occidental, da Igreja Episcopal Brasileira. Não podemos passar por alto o aparecimento duma tão bela e meritória obra, que nos satisfaz pela vernaculidade da sua prosa, pelo equilíbrio didáctico, pela altura espiritual e pelo agradável aspecto gráfico. Basta-nos acrescentar aqui que desejariamos que essa obra fosse usada na Igreja Lusitana como livro de texto de cursos de obreiros leigos.

— O nosso bom amigo sr. José Júlio Pires ofereceu-nos: "Ensino Infantil Doméstico" — resumo da palestra pronunciada em 6 de Julho de 1952 no salão da Igreja Lisboense, dedicado à juventude evangélica. Temos lamentado sinceramente não ser maior o interesse despertado pela iniciativa deste respeitável e ilustrado ancião, que deveria envergonhar os jÓvens. A pequena repercussão que as vozes deste grande amigo da instrução tem encontrado é um dos vários sinais do marasmo em que colectivamente se caiu desde há alguns anos. Onde está o entusiasmo dos

fundadores das escolas elementares e dos ensinadores individuais de há quarenta anos? Aqueles que acompanhavam dignamente a grandeza moral e intelectual de Castilho e João de Deus, e Trindade Coelho, e Casimiro Freire?

— Dum amigo dos Estados Unidos, académico episcopaliano, recebemos alguns opúsculos, publicados pelo "Forward Movement Publications", de Cincinnati, Estado de Ohio. Além dos magníficos comentários diários dum calendário de leituras bíblicas, há alguns que bem desejaríamos ver vertidos em português: "A Igreja na História", "A Igreja e os Sacramentos", e "Para os que estão em luto".

— Por último registamos o aparecimento dum útil opúsculo, editado pela Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal: "Regras de Ordem e Regimento na Condução de Assembleias Públicas", compilação de W. H. Fuller e tradução de L. E. Wright jor. e E. H. Moreira. Não conhecemos outro trabalho assim compendioso e prático, na nossa língua, sobre este assunto. Supomo-lo bem útil.

(Conclusão da pág. 7)

sinais claros que as distinguem. Marcadas com o selo sacramental do Baptismo, são conduzidas por aqueles guias que derivam a sua autoridade e jurisdição dos Apóstolos do Sumo Pastor; orientam-se pela Sua Palavra e procuram, nos meios de graça por Ele instituídos ou aprovados, a força para seguirem as Suas indicações. Como David, reconhecem que o Pastor Divino preparou-lhes uma Mesa (Salmo 23) em que ele é ao mesmo tempo anfitrião e banquete, e fazem dessa Mesa o centro da sua vida sacramental colectiva. Contudo estas marcas, que entre outras referimos, são sinais do Rebanho e não tronqueiras do aprisco; são, ora veículos ora exteriorizações da afinidade espiritual que liga as ovelhas ao Pastor e que é o abstracto do Rebanho.

Olhando à volta de nós verificamos porém com tristeza que há ainda muitas "outras ovelhas", como no tempo de Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiras ovelhas Suas, separadas, desgarradas do Rebanho. Mas o discípulo sabe que se cumprirão um dia na íntegra as palavras do Divino Mestre:

"Haverá um Rebanho" (não um aprisco...) "e um Pastor". (S. João X, 16).

L. R. Pereira